

O Dia do Papai

No dia consagrado aos pais, sinto-me no dever de esclarecer-vos sobre o papel que o pai representa à luz da Filosofia Espírita. Para isso, mister se faz vos recorde alguns postulados doutrinários, indispensáveis à inteligência do tema.

Com efeito, de acordo com a Doutrina Espírita, todos nós fomos criados exatamente iguais: Espíritos imortais, inocentes e ignorantes, dotados, porém, potencialmente, de todas as qualidades que nos cabe desenvolver, pelo esforço próprio, através de penosa evolução espiritual, à custa de múltiplas vidas, intercaladas com numerosas encarnações, e desenroladas em planos e mundos incontáveis, até logarmos a perfeição, e, com a perfeição, a felicidade eterna. Ensina-nos, ainda, a Doutrina Espírita, que Deus cria incessantemente e que, por conseqüência, estão encarnados, neste planeta, Espíritos de idades muito diversas. Uns, criados há muitos séculos, já percorreram longa jornada, vivendo muitas vidas, ora encarnados, ora desencarnados, de toda forma exercendo variadas atividades e arrostando provações sem conta, de modo que adquiriram grande experiência pessoal, aprendendo, assim, a obediência, senão a todas, pelo menos

a muitas leis do código divino, e, por isso, são sábios ou filantropos. Outros, criados posteriormente, estão ensaiando os primeiros passos na espiritualidade; e porque não conquistaram, ainda, suficiente cabedal para compreenderem que só a obediência à vontade do Criador, os poderá conduzir à felicidade, estão, por enquanto, marcados de imperfeições morais e desprovidos de valores intelectuais: — são criaturas ignorantes, perversas e revoltadas contra o destino.

Todavia, como é óbvio, entre esses dois extremos, situam-se todos os matizes de imensa escala evolutiva, onde se destaca um número quase infinito de personalidades, que, entre si, se distinguem por grande cópia de atributos individuais — atributos esses que refletem o esforço empreendido por cada qual, no sentido do próprio aprimoramento espiritual, quer no plano cultural, quer no terreno moral.

Ora, o simples fato de habitarem este mundo, Espíritos criados em épocas muito recuadas uma das outras já reconcilia, em parte, a chocante desigualdade dos destinos humanos, com a sabedoria e a justiça de um Criador onisciente e onipotente. Contudo, a Doutrina Espírita avança muito mais, porque ensina que o progresso das criaturas humanas está condicionado à sábia lei de causalidade moral, mediante a qual todos os atos, todos os sentimentos e, até, todos os pensamentos estarão, fatalmente, registrados no corpo espiritual como o denominava o apóstolo Paulo, ou no perispírito, como o designou Allan Kardec. Nessas condições, o ciclo evolutivo de cada Espírito está automaticamente determinado por suas ações, por seus sentimentos e por seus pensamentos, nada tendo a reclamar, portanto, se o seu destino não corresponde às suas aspirações. Contudo, está em suas mãos melhorar, no futuro, sua situação,

diante das leis divinas. De acordo com a direção que imprimir aos seus desejos, poderá progredir rápida ou morosamente. À lei de causalidade moral, àquela mesma, que, há dois mil anos, Jesus já enunciava, quando disse — “a cada um segundo suas obras” — a essa lei é que ninguém burlará, quaisquer que sejam suas convicções, porque é uma lei universal, destinada a toda a humanidade.

Justificada, em princípio, a desigualdade dos destinos, contemplemo-la, agora, sob outro ângulo, penetrando na gênese dos grupos sociais, para que se possa compreender a formação da família e a missão do pai, perante as leis eternas.

Como é evidente, da convivência de Espíritos assim tão desigualmente dotados, vão surgindo, no decurso das vidas sucessivas, fortes vinculações com os demais companheiros de provações, ora assinaladas por nobres sentimentos de afeição, ora tismadas como negrume de vis paixões, alimentadas pelo ódio e pela vindita. De sorte que, unidos pelo amor, encontram-se, neste mundo, os Espíritos que, desde anteriores existências, cultivaram amizades, incrementando afinidades espirituais; e separados pelo ódio, degladiando-se por vingança, aqui estão criaturas que, movidas por suas próprias fraquezas, mutuamente se prejudicaram contraindo dívidas morais de demorado resgate.

Ora, é com essas amizades e com essas inimizades de vidas anteriores que se tecem as malhas dos destinos das criaturas que, quase sempre, se unem, no mesmo grupo social, a fim de que, qual seixos de um mesmo rio, mutuamente se lapidem, na contenção dos impulsos anti-sociais e na apuração de virtudes valiosas, quando não para a Terra, para a vida eterna, onde predomina a lei da fraternidade universal. E é exatamente nos liames espirituais das vidas anterio-

res que reside o enervante mistério das simpatias irresistíveis e das antipatias instintivas, que tanta moça têm causado aos psicólogos desconhecedores da palingenesia. Outrossim, é nos laços espirituais, contraídos em vidas precedentes, que se encontram as causas remotas da constituição da família, embora o esquecimento do passado dê à formação do lar a aparência de um fato ocasional.

Na verdade, na sacrossanta organização da família terrena reúnem-se, sob a tutela das leis civis, criaturas de Deus, e, portanto, irmãos, em diversos níveis de evolução espiritual, com a finalidade precípua de se ajudarem mutuamente, não, apenas, na conquista de valores materiais, mas, sobretudo, na aquisição dos tesouros eternos, que são as virtudes do espírito.

Ora, imprimindo à formação da família uma significação transcendental, é claro que a Filosofia Espírita conceitua a função de pai em termos de elevada responsabilidade moral, encarando-o não apenas como o protetor da família, mas como o guia espiritual dos irmãos que, em cumprimento da lei do carma, ou seja — da lei de causalidade moral que rege os destinos, vieram unir-se a ele com o compromisso solene de progredirem espiritualmente, à sombra da tutela paterna.

Árdua e espinhosa é, portanto, à luz da espiritualidade, a missão de pai. Tanto mais árdua e espinhosa quando se sujeita, muitas vezes, a receber, na posição de filho, um irmão do qual fora inimigo outrora, cabendo-lhe agora, como chefe da família, retificar, pela palavra e pelo exemplo, os erros do passado, conciliando-se com antigo desafeto para um dia restituí-lo à vida espiritual mais perfeito do que quando veio encarnar sob a proteção de sua paternidade. E

quantas vezes, por força dessas inimizades de anteriores encarnações, o pai não sofre terríveis dissabores, não padece pungentes humilhações? Porque, independentemente da educação que receberam, o comportamento dos filhos em relação ao pai poderá variar consoante tenha sido o filho ou o pai o irmão faltoso de vidas anteriores. Se, porventura, o faltoso foi o pai, por mais extremoso e dedicado que seja, dificilmente terá, no filho, verdadeiro amigo. Sobretudo depois dos sete anos, época em que desabrocham, no perispírito, reminiscências da anterior encarnação, o filho demonstrará, instintivamente, a falta de afinidade espiritual pelo pai. E é precisamente, nestes casos, que o tato psicológico do pai deverá ser posto à prova, a fim de evitar que, mais tarde, por este filho, advenham graves desgostos, tornando-se instrumento de escândalos e de cruéis sofrimentos morais para o pai.

Como se infere, o encargo do pai é mais sério do que geralmente se imagina. Porque, em última análise, a mais gloriosa tarefa que lhe cabe é a de restabelecer, perante a vida espiritual, a lei da fraternidade, estimulando uma união cada vez mais sólida entre todos os componentes do lar que Deus lhe confiou. De toda forma, ele é o protetor, o mentor, o modelo, sobre o qual convergem todos os olhares. Protege materialmente, angariando os meios de subsistência da família. Plasma, tanto quanto a mãe, a personalidade dos filhos. Fortalece, pelo exemplo, a contextura do caráter de todos que o rodeiam. Contribui, portanto, poderosamente, para a felicidade dos filhos. E eu de mim confesso que não tenho palavras com que possa exprimir minha gratidão a meu pai, pelos magníficos exemplos que me deu de entranhado amor ao trabalho, de fidelidade conjugal, de carinhoso amparo à família, de incorruptibilidade de caráter e de

inquebrantável austeridade. Por isso mesmo, quando se aproxima o dia consagrado aos pais, e quando rendo, com esta singela explicação doutrinária, minhas homenagens a todos os pais que me ouvem neste momento, meu pensamento voa para junto do irmão, que, na posição de pai terreno, tanto contribuiu para minha formação moral, e, numa prece partida do íntimo do coração, suplico a Deus que o recompense por tudo de bom e de bem que a mim me fez, dando-lhe do outro lado da vida a alegria de sentir quanto continua presente no coração daqueles a quem tanto amou!